

A ESTRUTURA SINTÁTICA DAS SENTENÇAS ABSOLUTAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

THE SYNTACTIC STRUCTURE OF ABSOLUTE SENTENCES
IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ESMERALDA VAILATI NEGRÃO¹
Universidade de São Paulo
evnegrao@usp.br

EVANI VIOTTI
Universidade de São Paulo
viotti@usp.br

Este artigo visa a explorar algumas características de uma construção particular do português brasileiro (PB), que estamos chamando *construção absoluta*. Essa construção apresenta um verbo prototipicamente transitivo não pertencente à classe dos verbos de alternância causativa, usado com apenas um argumento, o temático. Essas construções poderiam ser explicadas como resultantes de uma mudança morfológica de perda do clítico *se*. Entretanto, uma investigação mais detalhada mostra que esse tipo de explicação não é adequado. Em outras construções, a presença do clítico ainda é possível, e envolve a participação de alguma fonte de energia na conceitualização do evento, ainda que indefinida ou genérica. Essas construções não aceitam a conceitualização de uma fonte de energia e não admitem o clítico. A estrutura sintática que sugerimos para elas procura capturar essa característica semântica, mostrando que seu sujeito ocupa uma posição baixa na hierarquia sentencial, diferentemente do que acontece com outras construções do PB.

Palavras-chave: construções absolutas, estrutura sintática, português brasileiro, português europeu, interface sintaxe-semântica

This paper aims at exploring some characteristics of a type of construction of Brazilian Portuguese (BP) that we call *absolute*. It shows a prototypical transitive non-alternating verb, used with only one argument, the thematic one. These constructions could be explained as the result of the morphological loss of the 3rd person clitic *se*. However, a more detailed analysis shows that this type of explanation is not adequate. In other constructions, the presence of the clitic is still possible, and involves the participation of some energy source in the event conceptualization.

Recibido
02/09/09
Aceptado
26/03/10

¹ Bolsista CNPq Produtividade em Pesquisa 1B, processo número 304621/2007-2.

Differently, these constructions do not accept the conceptualization of an energy source and the presence of the clitic. The syntactic structure we propose captures this semantic characteristic, showing that its subject is in a position lower than the position occupied by the subject of other constructions of BP.

Keywords: absolute constructions, syntactic structure, Brazilian Portuguese, European Portuguese, syntax-semantics interface

1. INTRODUÇÃO

Muitas são as pesquisas que, nas últimas décadas, têm apontado e analisado relevantes diferenças entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE). Este trabalho procura contribuir com essa linha de investigação, trazendo à baila alguns dados do PB que deixam transparecer uma importante diversidade de caráter sintático-semântico existente entre as duas variantes do português. São de interesse os seguintes dados do PB, anotados a partir de situações de comunicação oral espontânea, da qual participavam nativos de diferentes regiões do Brasil, todos falantes da norma urbana culta²:

Do Estado de São Paulo:

- 1 Eu só vou trocar o carpete depois que a casa acabar de *pintar*.
- 2 Esse trem já *perdeu*.
- 3 O programa que eu queria não *instalou*³.
- 4 O xerox fica *fazendo* enquanto a gente vai almoçar.
- 5 Se eu tivesse mandado este trabalho pro congresso, eles tinham me posto na mesa em que esse assunto tava *tratando*.
- 6 O Luiz Omar nunca rezou tanto pra um saque *errar* como nesse ponto.

² Com a divisão apresentada a seguir, separando os dados por Estado, estamos querendo apenas mostrar que o fenômeno sob análise não é limitado à fala de uma única região do Brasil. Isso não significa que dados como esses não ocorram em outros Estados além dos mencionados. Também, o fato de a maior parte dos dados anotados ter sido verificada no Estado de São Paulo não significa que essa construção seja mais produtiva nesse Estado. Até onde sabemos, ainda não existem estudos geo ou sociolinguísticos que tenham se interessado por esse fenômeno.

³ Um dos pareceristas deste artigo comenta que é difícil, com base apenas na intuição, estabelecer que construções alternativas como *O programa que eu queria não se instalou* e *O programa que eu queria não instalou*, não sejam equivalentes. Apesar de a construção com o clítico não ser totalmente aceitável na fala cotidiana de nosso dialeto, na leitura relevante, queremos observar, já neste momento, que, na seção 2.3. deste trabalho, vamos apresentar uma argumentação que justamente pretende demonstrar que as construções com ou sem o clítico se não são equivalentes, e que, se o português brasileiro vem preferindo deixar de usar o clítico, essa preferência precisa ser explicada em termos semânticos, e não apenas em termos morfosintáticos.

Do Estado de Minas Gerais:

- 7 Meu jardim destruiu todo com a reforma.
- 8 Este prédio tá construindo desde que a casa do vovô vendeu.
- 9 A casa do lado da sua alugou ou vendeu?

Do Estado do Rio Grande do Sul:

- 10 Não tem nenhum caso de concurso que anulou por causa do mérito.

A peculiaridade desses dados está no fato de que eles mostram verbos prototipicamente transitivos –muitos deles semanticamente agentivos– sendo usados em construções intransitivas.

Nessas construções, o argumento agentivo/experienciador não aparece; o único argumento presente é o argumento temático⁴, que aparece em posição pré-verbal.

Falantes de PE têm dificuldade para compreender o significado desses enunciados, que julgam fortemente agramaticais. Em alguns casos, para “salvar” a construção, eles oferecem alternativas como a seguinte:

- 11 Esse prédio está-se a construir desde que....

Considerando, então,

- i que essas construções envolvem um tipo de “demonção” do argumento agente;
- ii que essas construções envolvem, todas, a “promoção” do argumento temático para uma posição pré-verbal;
- iii que, em PE, de maneira geral, elas equivaleriam a algum tipo de construção com o clítico *se*;
- iv e que, como tem sido apontado na literatura, o PB tem mostrado uma tendência à perda de morfologia – o que envolve a perda do clítico de 3a. pessoa,

passamos a investigar se esses dados do PB poderiam ser passivas sintéticas, também conhecidas como sentenças médio-passivas; construções impessoais, também conhecidas como sentenças de sujeito indeterminado; construções chamadas médias ou mediais; ou construções chamadas ergativas ou inacusativas, das quais o clítico *se* teria sido eliminado. Exemplos prototípicos dessas construções são:

- | | |
|--------------------------|-------------------|
| 12 Vendem-se casas. | Passiva sintética |
| 13 Aqui vive-se bem. | Impessoal |
| 14 Feijão cozinha fácil. | Média/medial |

⁴ Estamos chamando “argumentos temáticos” aqueles que têm papéis temáticos como paciente, afetado ou tema.

15 A porta (se) abriu.

Ergativa

Vamos mostrar que as construções que estamos analisando não podem ser explicadas pela perda do clítico. Elas são sim, um outro tipo de construção, que, inspiradas em Langacker (1991), estamos chamando de construções absolutas. Nessas construções, o argumento que corresponde ao participante do evento que fornece a energia para que o evento aconteça não é simplesmente não-realçado, como acontece nas sentenças passivas, nem é indefinido ou genérico, como nas construções impessoais e nas chamadas médias: ele não chega a ser conceitualizado.

Nossa preocupação neste trabalho é detectar as propriedades dessas construções, tanto em termos sintáticos, quanto em termos semânticos. Sendo assim, procuramos, para essa descrição, subsídios em duas grandes teorias de gramática: uma, a Gramática Cognitiva de Langacker, assentada em uma sólida base semântica; outra, a Gramática Gerativa de Chomsky, fortemente preocupada com as sutis diferenças causadas pelos mecanismos de estruturação hierárquica dos constituintes sintáticos⁵.

2. O QUE ESSAS CONSTRUÇÕES NÃO SÃO

É inquestionável que a frequência de uso não-reflexivo do clítico *se* tem diminuído ao longo do tempo, em especial em algumas regiões do Brasil⁶. Entretanto, os falantes de PB ainda têm intuições sobre os contextos em que esse clítico pode ou não aparecer. Assim, embora muitos de nós prefiram usar a forma exemplificada em (16), a forma em (17) é reconhecida como possível em PB:

16 O anel de vidro quebrou.

17 O anel de vidro se quebrou.

⁵ Estamos conscientes de que, de um ponto de vista axiomático, a Gramática Cognitiva e a Gramática Gerativa são incompatíveis. Entretanto, estamos aqui entendendo teorias gramaticais como lentes que nos ajudam a enxergar fatos linguísticos de perspectivas diferentes, e a entendê-los de maneira complementar.

⁶ Parece que a região sudeste é a que menos faz uso do clítico *se* em contextos não reflexivos, com especial destaque para o Estado de Minas Gerais. Infelizmente, ainda não dispomos de estudos comparativos quantitativos para ter informações seguras a esse respeito.

Um simples teste experimental mostra que as construções que estamos analisando não podem ser explicadas pela perda do clítico *se*. Nenhum dos enunciados elencados entre (1) e (10) aceita a presença do clítico *se* mantendo a leitura relevante⁷:

- 18 *Eu só vou trocar o carpete depois que a casa acabar de *se pintar*.
 19 *Esse trem já *se perdeu*.
 20 *O programa que eu queria não *se instalou*.
 21 *O xerox fica *se fazendo* enquanto a gente vai almoçar.
 22 *Se eu tivesse mandado este trabalho pro congresso, eles tinham me posto na mesa em que esse assunto tava *se tratando*.
 23 *Meu jardim *se destruiu* todo com a reforma.
 24 *Este prédio tá *se construindo* desde que a casa do vovô *se vendeu*.
 25 *A casa do lado da sua *se alugou* ou *se vendeu*?
 26 *Não tem nenhum caso de concurso que *se anulou* por causa do mérito.
 27 *O Luiz Omar nunca rezou tanto pra um saque *se errar* como nesse ponto.

Esses resultados sugerem que a presença ou ausência do clítico *se* não é uma questão de natureza morfossintática: ela tem um importe semântico, que precisa ser investigado. Aqui, vamos tratar da caracterização semântica dessas construções apenas de maneira intuitiva⁸.

2.1. Construções impessoais e passivas sintéticas

A gramática tradicional do português não tem conseguido ser explícita a respeito da diferença entre passivas sintéticas e construções de indeterminação do sujeito, que aqui estamos chamando impessoais. Os autores não são unânimes a respeito das características que deveriam diferenciar umas das outras. *Grosso modo*, entende-se que passivas sintéticas ocorrem com verbos transitivos diretos, enquanto que construções impessoais ocorrem com verbos intransitivos e transitivos indiretos, ou seja, com verbos que não têm complemento direto.

Ao que parece, na gramática do espanhol, a diferença entre as duas construções também é sutil. Maldonado (2006), no entanto, apresenta

⁷ A nosso ver, a presença do clítico *se* nas sentenças sob análise nos leva a uma interpretação reflexiva, que é totalmente anômala nos contextos em questão. Admitimos, no entanto, que, nas sentenças (20) e (26), alguns falantes do português brasileiro podem aceitar a presença do clítico *se*, atribuindo às sentenças, com o clítico, uma leitura de passiva sintética. Mesmo assim, é notável que, em todos os demais casos, a presença do *se* gera uma interpretação inadequada ao contexto, para falantes dos mais diversos dialetos brasileiros.

⁸ Em Negrão & Viotti (em preparação), tomando por base Langacker (1991), e seguindo a proposta de Maldonado (2006) para a análise do clítico *se* do espanhol, discutimos em profundidade a diferença de conceitualização semântica das sentenças construídas com ou sem o clítico *se* em PB.

um estudo abrangente sobre o clítico *se* do espanhol, e propõe convincentemente que construções impessoais se definem por apresentar um alto grau de distinguibilidade entre os participantes do evento (sujeito e objeto), e pelo fato de que crucialmente o sujeito, expresso pelo clítico, faz referência a um agente/experienciador necessariamente humano. Com efeito, essas propriedades também parecem se aplicar a construções impessoais com *se* do PB. Sendo assim, caso as sentenças que estamos investigando fossem construções impessoais ou de indeterminação do sujeito, elas deveriam aceitar a presença do clítico *se*. Como visto, não é isso o que acontece.

Em um estudo sobre o *se*-indefinido do PE⁹, Raposo & Uriagereka (1996) argumentam que as *construções-se*, como (28) e (29) abaixo, não podem ser tratadas como sentenças passivas, apesar de algumas de suas características sugerirem essa análise.

28 Ontem compraram-se demasiadas salsichas.

29 Essas salsichas compraram-se ontem no talho Sanzot.

Fatos como os seguintes poderiam ser tomados como evidência para uma análise em que o argumento tema das sentenças (28) e (29) ocuparia a posição de sujeito, caracterizando-as desse modo, como construções passivas:

- i o argumento temático dessas sentenças desencadeia concordância verbal aberta, propriedade que, nas línguas românicas, parece ser exclusiva de constituintes com a função de sujeito;
- ii o constituinte que entra em relação de concordância com o verbo canonicamente ocupa a posição de especificador de IP, ou seja, a posição de sujeito, outra propriedade das línguas românicas;
- iii esse constituinte nominal pode ser nulo, como em (30) abaixo;
- iv e pode ser alçado à posição de sujeito de sentenças nucleadas pelo verbo *parecer*, como em (31) abaixo, o que poderia justificar seu estatuto de sujeito.

30 Leram-se no ano passado.

31 Esses livros parecem ter-se lido no ano passado

No entanto, Raposo & Uriagereka (1996) mostram que o tratamento dessas sentenças como passivas não se sustenta empiricamente.

⁹ Raposo & Uriagereka (1996) incluem, nas construções com *se*-indefinido, as chamadas passivas sintéticas e as chamadas construções impessoais. Aqui vamos apenas levantar a discussão que os autores fazem a respeito das passivas sintéticas.

Como evidência, os autores contrastam sentenças completivas com infinitivo flexionado passivizado e sentenças completivas infinitivas com *construções-se*:

32 Vai ser difícil os documentos serem aceites.

33 *Vai ser difícil os documentos aceitarem-se.

Os autores observam que o contraste desaparece quando as completivas são sentenças finitas (como mostram (34) e (35)) e que o comportamento do argumento temático em posição pré-verbal das sentenças completivas infinitivas com *se* causa agramaticalidade, tanto quanto nas sentenças encaixadas com tópicos (comparem a sentença (36) à (33)). Baseados nesses fatos, propõem que o argumento temático pré-verbal das *construções-se* ocupa uma posição na periferia esquerda da sentença e não a posição canônica de sujeito sentencial, qual seja, a posição de especificador de IP. Portanto, segundo Raposo & Uriagereka (1996), essas construções do português europeu diferem de *construções-se* de outras línguas românicas, uma vez que nas primeiras, o movimento do argumento temático objeto não é um caso de movimento de DP.

34 Vai ser difícil que os documentos sejam aceites.

35 Vai ser difícil que os documentos se aceitem.

36 *Vai ser difícil esses documentos o tribunal aceitarem-nos

Conseqüentemente, essas sentenças não são passivas prototípicas. O fato de o DP objeto que concorda com o verbo estar numa posição na periferia esquerda da sentença diferencia *construções-se* da passiva perifrástica correspondente. De acordo com Raposo & Uriagereka (1996), o DP que está na periferia tem propriedades mistas tanto de sujeito quanto de objeto e as *construções-se* indefinidas com argumento temático pré-verbal exibem um comportamento parcial de passiva e de estruturas ergativas.

O conceito de passiva sintética está longe de ser consensual. A nosso ver, de um ponto de vista semântico, a passiva sintética compartilha várias propriedades com a passiva perifrástica, como a demissão do agente e o realce ao estado resultante do evento denotado. Por outro lado, de um ponto de vista sintático, Raposo & Uriagereka mostram que, no PE, a chamada passiva sintética tem uma distribuição diferente da passiva perifrástica. No âmbito da Gramática Gerativa, entende-se

que a propriedade compartilhada pelas passivas sintética e perifrástica é o deslocamento do argumento temático para a posição de especificador de IP. Entretanto, o que Raposo & Uriagereka mostram é que, em PE, o local de pouso do argumento temático, nas chamadas passivas sintéticas, é diferente do das passivas perifrásticas: nas perifrásticas, o argumento temático sobe para uma posição A, enquanto nas chamadas passivas sintéticas do PE, o argumento temático termina em uma posição A-barra, na periferia esquerda da sentença.

Como já mencionamos, as construções que estamos investigando têm também o argumento temático em posição pré-verbal. A questão que se coloca, haja vista a discussão de Raposo & Uriagereka (1996), diz respeito a qual posição sintática exatamente esse argumento ocupa: será a de especificador de IP, como no caso das passivas perifrásticas; será uma posição na periferia esquerda como nas *construções-se* estudadas pelos autores; ou será ainda uma outra posição?

Para justificar sua proposta de que o argumento temático nas *construções-se* está em uma posição na periferia esquerda, Raposo & Uriagereka usam, entre outros, argumentos de extração. Seus exemplos são:

37 [Esses livros]_i [em que loja]_k se compraram ec_i ec_k?

38 *[Em que loja]_k [esses livros]_i se compraram ec_i ec_k?

Os autores mostram que o constituinte *esses livros* está em uma posição acima da posição do constituinte interrogativo *em que loja*, e não abaixo dele.

Vejam os que acontece com as construções que estamos analisando, em termos de extração:

39 *[Esse prédio]_i [em que lugar]_k construiu ec_i ec_k?

40 [Em que lugar]_i [esse prédio]_k construiu ec_i ec_k?

41 *[Meu jardim]_i [por que]_k destruiu ec_i ec_k?

42 [Por que]_i [meu jardim]_k destruiu ec_i ec_k?

43 *[O saque do Bruninho]_i [em que ponto]_k errou ec_i ec_k?

44 [Em que ponto]_i [o saque do Bruninho]_k errou ec_i ec_k?

Como mostram os exemplos entre (39) e (44), nas construções que estamos analisando, o argumento temático não está em uma posição acima do constituinte interrogativo. Portanto, não está na periferia esquerda da sentença. Desse modo, sabemos que as construções sob análise não se comparam às *construções-se* do PE, que são tratadas

como passivas sintéticas pela maioria dos gramáticos. Resta ver se o argumento temático está na posição de especificador de IP, como um sujeito canônico, ou em outra posição, o que está fora do escopo deste trabalho.

Passamos, agora, a eliminar a possibilidade de explicar as construções foco deste trabalho como construções médias ou mediais.

2.2. Construções médias ou mediais

No âmbito da Gramática Gerativa, tem-se considerado construções médias ou mediais apenas aquelas como as dos exemplos abaixo, seguindo a proposta de Keyser & Roeper (1984):

45 Esse feijão cozinha fácil.

46 Aquela camiseta lava bem.

Antes de avançarmos a discussão, uma observação a respeito da voz média é necessária. Em um estudo tipológico e diacrônico, Kemmer (1993) chega a um mapeamento abrangente do comportamento da voz média em um grande número de línguas. Para ela, construções como as que são analisadas por Keyser & Roeper (1984) não são exemplos prototípicos de voz média. Entretanto, elas podem ser consideradas parte de um grande domínio médio, caracterizado por Kemmer como o de construções que exibem uma baixa elaboração dos eventos. Por baixa elaboração de evento, Kemmer entende ou baixa distinguibilidade entre participantes de um evento, ou baixa distinguibilidade de subeventos. Nesse sentido, fazem parte desse grande domínio médio todas as construções que codificam eventos de elaboração relativa: as médias prototípicas (expressão de cuidados corporais (lavar-se, pentear-se), de movimento não-translacional (sentar-se, deitar-se), de mudança na postura corporal (mudar-se, picar-se)); as médio-passivas que é o rótulo dado por Kemmer às chamadas passivas sintéticas; as sentenças com advérbio facilitador como (45) e (46); e as construções impessoais ou de indeterminação do sujeito. Em outras palavras, o domínio médio abrange todas as construções que, de um lado, se distanciam da transitividade (em que a elaboração do evento pode chegar a um grau máximo)¹⁰, e de outro, da intransitividade.

¹⁰ Como mostram Hopper & Thompson (1980), transitividade é uma noção fundamentalmente semântica e gradiente. Quanto maior a distinguibilidade e a especificidade dos participantes de um evento, e quanto maior a distinguibilidade dos subeventos, maior o nível de transitividade.

Voltamos a Keyser & Roeper (1984). Os autores fazem um estudo detalhado para mostrar as diferenças entre construções como (45) e (46) –que os autores chamam *médias*¹¹– e sentenças conhecidas como ergativas ou inacusativas. Nos dois casos, estamos, novamente, diante de contextos em que o argumento temático aparece em posição pré-verbal. Os pares apresentados pelos autores são do seguinte tipo:

- 47 Someone bribes bureaucrats.
- 48 Bureaucrats bribe easily.
- 49 The sun melted the ice.
- 50 The ice melted.

Em (48), temos um exemplo de sentença média, e, em (50), estamos diante de uma sentença ergativa.

Por meio de uma série de contrastes entre pares de sentenças do inglês, os autores concluem que, no caso das sentenças médias, o agente do evento continua implícito. Diferentemente, no caso das sentenças ergativas, isso não acontece. Isso é assim porque, como os autores propõem, as ergativas são derivadas por uma operação de Mova- α no léxico, enquanto as médias são derivadas pela aplicação da mesma operação na sintaxe. No caso das ergativas, a operação de Mova- α aplicada no léxico transforma um verbo transitivo em intransitivo. Desse modo, ele entra na sintaxe com um só argumento, o temático. No caso das médias, o movimento do argumento temático para a posição pré-verbal se dá na sintaxe por questões de Caso, e o papel temático de agente é absorvido por um morfema nulo, de maneira semelhante ao que acontece nas passivas.

A maior parte dos contrastes analisados pelos autores não se aplica ao PB. Entretanto, alguns são de interesse para nós. Um deles mostra que sentenças ergativas aceitam a forma progressiva, enquanto que as médias, não:

- 51 The ice is melting.
- 52 *Bureaucrats are bribing.

Além disso, sentenças médias requerem a presença de um advérbio chamado facilitador, como *easily* ou *well*; as ergativas, não:

¹¹ Ressaltamos que, embora essas construções sejam chamadas *médias*, elas não são exemplos de voz média, ao ver de Kemmer (1993). Para a autora, cujo estudo é substancialmente de natureza semântica, a voz média se limita a expressões de cuidados corporais, de movimento não-translocacional e de mudança corporal. Para ela, construções como as de K&R fazem parte de um grande domínio médio, de natureza semântica, que engloba a voz média.

53 Bureaucrats bribe easily.

54 The ice melted.

Apenas com esses contrastes, já podemos ver que as construções que estão nos interessando não podem ser construções médias, como entendidas por Keyser & Roeper. Notem que os exemplos (5) e (8), aqui retomados como (55) e (56), estão na forma progressiva. Do mesmo modo, os demais dados poderiam ser construídos na forma progressiva, como mostrado abaixo:

55 Se eu tivesse mandado este trabalho pro congresso, eles tinham me posto na mesa em que esse assunto tava *tratando*.

56 Este prédio tá *construindo* desde que a casa do vovô vendeu.

57 Com essa reforma aqui do lado, meu jardim tá *destruindo* todo.

58 O programa que eu queria não tá *instalando*.

Ainda, em nenhum dos dados entre (1) e (10), há a presença de um advérbio facilitador. Portanto, concluímos que esses dados não podem ser considerados construções médias que perderam o clítico *se*.

Uma observação precisa ser feita neste momento. Em PB, sentenças chamadas médias, como (45) e (46), podem aparecer na forma progressiva:

59 Hoje, esse feijão tá cozinhando que é uma beleza!

60 Não sei por quê, mas essa camiseta não tá lavando direito hoje.

Isso poderia ser um contra-argumento para o que estamos falando. Entretanto –e aqui vem a característica fundamental das construções chamadas médias por Keyser & Roeper– essas construções, de um ponto de vista semântico, são estativas. Elas denotam uma propriedade intrínseca do argumento que desencadeia um certo processo (Kemmer 1993). Uma das diferenças entre inglês e português brasileiro é que, nesta língua, mas não naquela, estados podem, de maneira geral, ser expressos na forma progressiva. Entretanto, o que é importante ressaltar é que, no caso dos dados sob análise, não temos expressão de estados, mas sim de eventos. Portanto, as construções analisadas neste trabalho não só se distinguem das médias de Keyser & Roeper por propriedades morfossintáticas, mas, fundamentalmente, por suas propriedades semânticas.

Na próxima seção, vamos discutir as chamadas construções ergativas, que são construções em que há um único argumento expresso, e que, portanto, podem ser consideradas intransitivas.

2.3. Construções chamadas *ergativas* ou *inacusativas*

Desde fins dos anos 1970, com os trabalhos seminais de Perlmutter (1978) e Burzio (1981), a Gramática Gerativa tem investigado um tipo de alternância verbal conhecida como *alternância ergativa* ou *alternância causativa*. De maneira geral, essa alternância acontece com uma classe específica de verbos, que inclui *abrir, fechar, quebrar, afundar*, entre alguns outros. Verbos dessa classe podem participar de dois tipos de construção: uma biargumental, como (61), e outra monoargumental, como (62):

61 O João abriu a porta.

62 A porta (se) abriu.

Uma sentença como (62) é chamada *inacusativa* porque, de acordo com Perlmutter, o verbo passa a não poder atribuir Caso acusativo a seu argumento temático; e é chamada *ergativa* porque, como sugere Burzio, seu comportamento é semelhante ao de sentenças de línguas do sistema ergativo-absolutivo. Nas línguas desse sistema, o único argumento de verbos intransitivos recebe o mesmo Caso que o complemento de verbos transitivos. Com efeito, quando observamos um par de sentenças como (61) e (62), vemos que o argumento do verbo intransitivo tem as mesmas características semânticas do complemento do verbo transitivo: trata-se de um objeto afetado. Curiosamente, nas línguas do sistema ergativo-absolutivo, o Caso canônico dos complementos de verbos transitivos e dos sujeitos de verbos intransitivos é o absoluto, não o ergativo. O caso ergativo é o Caso marcado atribuído aos sujeitos de verbos transitivos.

Apesar de a metalinguagem da Gramática Gerativa poder nos desorientar, a intuição que subjaz a ela é clara. Langacker (1991) argumenta que existem dois grandes modelos cognitivos de conceitualização de eventos: um, chamado *modelo da bola de bilhar*, tem início com a fonte de energia, que é transmitida a outros participantes do evento até afetar um deles; outro, chamado *alinhamento de autonomia e dependência*, tem início com o participante afetado e inclui outros participantes até chegar à fonte de energia. Tipicamente, línguas do sistema nominativo-acusativo preferem o primeiro modelo de conceitualização. Nessas línguas, a construção transitiva é a estrutura canônica, justamente porque é ela que codifica a conceitualização de um evento a partir da fonte de energia até o participante afetado.

Diferentemente, nas línguas do sistema ergativo-absolutivo, o segundo modelo de conceitualização é o que é tipicamente preferido. Nessas línguas a construção intransitiva é a canônica, porque é ela que codifica a conceitualização do evento a partir do participante afetado. Crucialmente, nesse segundo modelo, a afetação do participante no evento é conceitualizada autonomamente em relação à fonte de energia desencadeadora da afetação. Isso significa que apenas o estado resultante de uma ação precisa necessariamente ser codificado. Para Langacker, esse é um tipo de *conceitualização absoluta* ou *construal absoluto*. Os outros subeventos e os participantes a eles associados podem também ser codificados, mas não necessariamente. Nesse caso, eles receberão marcas morfológicas especiais. Ora, nas construções como (62), o que se tem é a codificação de uma conceitualização de evento que privilegia o estado resultante associado ao participante afetado, em detrimento do participante que representa a fonte de energia.

Em algumas línguas românicas, como o francês, por exemplo, construções ergativas são construídas com o clítico *se*, como em (63):

63 Les portes s'ouvrirent à 10 heures.

Seria natural pensar então, que, em português, as ergativas fossem também construídas com o clítico *se*. Esse tem sido o raciocínio de vários linguistas sobre a sintaxe do PB. Para eles, como já mencionado, esse fenômeno é parte de uma mudança mais geral do PB, que consiste na perda de morfologia de flexão, que abrange o clítico de 3a. pessoa. É por essa razão que, em (62), o *se* aparece entre parênteses. Entretanto, no Brasil, atualmente, as duas formas ainda são encontradas.

Vamos ver se tem sustentação a explicação de que a sentença (64) abaixo resulta da perda do clítico. Se sim, sentenças com ou sem o clítico, como (64) e (65), deveriam ser entendidas como variantes em competição em um processo de mudança. Teriam, portanto, usos e significados equivalentes:

64 A porta abriu.

65 A porta se abriu.

Entretanto, não é isso o que acontece. Em alguns contextos, há uma quebra dessa equivalência. Por exemplo, com o modificador *sozinha*, a sentença com o clítico parece menos aceitável que sem ele:

- 66 A porta abriu sozinha.
 67 *?A porta se abriu sozinha.

Do mesmo modo, a presença de um modificador como *antes das 10* causa estranheza na sentença sem o clítico:

- 68 ??A porta abriu antes das 10.
 69 A porta se abriu antes das 10.

Em sentido metafórico, parece que a ausência do clítico não é possível:

- 70 O resultado de tanto esforço foi que todas as portas se abriram pra ele.
 71 *O resultado de tanto esforço foi que todas as portas abriram pra ele.

Vemos, então, que a presença ou ausência do clítico faz diferença. Ao que parece, a presença do clítico envolve uma fonte de energia implícita. A ausência do clítico, por outro lado, codifica uma conceitualização que privilegia o estado resultante.

Como sustenta Langacker (1991: 335; 389), uma das sutilezas do *construal* absoluto é a de que há casos em que a causação não está simplesmente ou presente, ou ausente; há casos em que a saliência da causa pode ser maior ou menor. Consideremos as seguintes sentenças do inglês (exemplos (5b) e (5c) de Langacker):

- 72 The door opened very easily.
 73 The door suddenly opened.

Ao comparar essas sentenças, Langacker comenta que a presença de advérbios como *very easily* e *suddenly* causam uma diferença entre elas, que está relacionada ao grau de saliência da causa do evento: em (72), os esforços de um agente estão implícitos e são facilitados por características inerentes do sujeito-tema; diferentemente, em (73), a referência a um agente não é saliente e pode estar completamente ausente, caso em que o *construal* é considerado absoluto. Para Langacker, então, o *construal* é absoluto apenas quando a conceitualização não realça a força causadora, ou seja, nos termos de Langacker, quando a força causadora não está em perfil.

Maldonado (2006: 353-398), em seu abrangente estudo sobre o clítico *se* do espanhol, resalta uma característica importante dessa língua, que vai ao encontro do que temos observado no português brasileiro. Em espanhol, o clítico *se* tem uma dupla função: quando

ele se junta a um verbo transitivo, os elementos iniciais de uma cadeia de ação, correspondentes à energia causadora, perdem saliência; por outro lado, quando o clítico se junta a um verbo intransitivo que denota um evento cuja conceitualização seria em princípio absoluta, ele impõe uma interpretação de dinâmica de força a esse evento. Desse modo, em casos como (75), em comparação à sentença (74), construídos com o verbo transitivo *romper*, há uma desfocalização da energia indutora do evento denotado por *romper*:

74 Ricardo rompió la taza.

75 La taza se rompió.

Diferentemente, com o verbo *caer*, a ausência ou presença do clítico *se* indica uma diferença na conceitualização do evento, como mostram os exemplos a seguir (exemplos (27b) e (28) de Maldonado)¹²:

76 En el otoño, las hojas (*se) caen de los árboles.

77 En la primavera, las hojas se (*Ø) cayeron de los árboles.

Como explica Maldonado, é natural que as folhas caiam no outono, mas não na primavera. Por isso, em (77), é necessário o uso do clítico *se*, assinalando um afastamento do padrão natural. O uso do clítico *se*, então, está associado a uma interpretação de uma ação concebida como o contrário do que normalmente ocorre. Pela força da gravidade, as folhas deveriam cair sempre. Entretanto, usando o modelo de dinâmica de forças Talmy (2001), Maldonado explica que as árvores são as forças que resistem à força da gravidade, evitando que as folhas caiam a todo instante. Em uma construção como (77), que Maldonado chama *construção energética*, alguma força não especificada, como uma tempestade ou uma praga, faz necessariamente parte da conceitualização. É essa força que cancela os efeitos controladores da árvore sobre a gravidade. Diferentemente, em (76), como no outono se espera que as árvores deixem de exercer uma força contrária à gravidade, e que, em consequência, as folhas caiam, o uso do clítico *se* não é possível. Ou seja, a conceitualização do evento não envolve a presença de uma força energética que cancele a força de resistência exercida pela árvore. Nesse caso, estamos diante de uma *construção absoluta*.

¹² Ver também Langacker 1991: 391.

O que estamos querendo dizer a respeito dos dados do português brasileiro segue uma linha de raciocínio semelhante à que Maldonado traçou para dar conta dos dados do espanhol. A diferença entre as sentenças (64) e (65) não pode ser explicada unicamente pelo fato de o português brasileiro estar perdendo o clítico de 3a. pessoa em alguns contextos linguísticos¹³. Existe uma diferença de *construal* entre as duas sentenças: em (65), a presença do clítico *se* sugere uma conceitualização em que uma força energética está presente; em (64), estamos diante de uma conceitualização absoluta.

Essa nossa discussão traz algumas consequências importantes para o entendimento da gramática do português brasileiro:

- i o que tem sido chamado *construção ergativa*, que é a versão intransitiva de verbos como *abrir, fechar, afundar, quebrar*, entre outros, e que pode variar entre a versão sem o clítico *se* como em (64), e com o clítico *se*, como em (65), são, a nosso ver, duas construções semanticamente distintas: a construção com *se* é uma construção energética (para usar o termo de Maldonado), que codifica a conceitualização de uma força indutora da ação, ainda que essa força não seja especificada; a construção sem o clítico é uma construção absoluta, que é a codificação de um *construal* que não envolve a presença de uma força indutora;
- ii se (i) estiver no caminho certo, a explicação das razões pelas quais o português brasileiro está preferindo não usar o clítico *se* com verbos como *abrir, fechar, afundar, quebrar*, entre outros, não pode se limitar a fatores morfosintáticos. Existe também uma razão semântica para a preferência pelo não uso do *se*, que se traduz pela preferência por uma conceitualização dos eventos denotados por esses verbos como eventos espontâneos, que não envolve a presença de uma força indutora;
- iii ainda se (i) estiver correto, é preciso ver se há alguma diferença entre sentenças com verbos como *abrir, fechar, afundar, quebrar, etc.* em que o clítico *se* está presente e as sentenças passivas sintéticas;
- iv seguindo ainda a possibilidade de (i) estar correto, as sentenças com verbos como *abrir, fechar, afundar, quebrar, etc.*, construídas sem o clítico *se* têm a mesma conceitualização das sentenças que estamos analisando neste trabalho, às quais voltamos neste momento.

¹³ Na realidade, é preciso fazer um mapeamento cuidadoso sobre quais são exatamente os contextos em que o português brasileiro não exige a presença do clítico *se*. Camacho (2003: 100), por exemplo, chega a sugerir que o português brasileiro está perdendo o *se* marcador de voz média, para manter apenas o *se* reflexivo. Com efeito, existem alguns verbos prototipicamente médios segundo o modelo proposto por Kemmer que não exigem mais a presença do *se*, em alguns dialetos do português brasileiro, como, por exemplo, *ir-se, deitar-se, sentar-se, ajoelhar-se*, entre tantos outros. Entretanto, o que precisa ser explicado é por que certas expressões da fala cotidiana bastante comuns, mantêm o clítico, inclusive no dialeto mineiro. Alguns exemplos são *picar-se, mandar-se* no sentido de *ir embora; fritar-se, dar-se mal, lixar-se*, além de algumas expressões de baixo calão, mas muito usadas por falantes dos mais diversos grupos sociais, que não precisamos mencionar aqui.

3. OS DADOS DO PB FOCO DESTE TRABALHO

Afinal, o que são as construções entre (1) e (10) do PB, retomadas aqui para maior facilidade de leitura?

- 78 Eu só vou trocar o carpete depois que a casa acabar de *pintar*.
 79 Esse trem já *perdeu*.
 80 O programa que eu queria não *instalou*.
 81 O xerox fica *fazendo* enquanto a gente vai almoçar.
 82 Se eu tivesse mandado este trabalho pro congresso, eles tinham me posto na mesa em que esse assunto tava *tratando*.
 83 O Luiz Omar nunca rezou tanto pra um saque *errar* como nesse ponto.
 84 Meu jardim *destruiu* todo com a reforma.
 85 Este prédio tá *construindo* desde que a casa do vovô *vendeu*.
 86 A casa do lado da sua *alugou* ou *vendeu*?
 87 Não tem nenhum caso de concurso que *anulou* por causa do mérito.

Vimos que elas não são construções impessoais. Tampouco podem ser consideradas construções conhecidas como passivas sintéticas. Não são construções médias ou mediais, no sentido de Keyser & Roeper (1984). Elas também não podem ser consideradas sentenças na voz média, se seguirmos a definição de voz média proposta por Kemmer (1993) e Maldonado (2006). Para esses autores, a voz média prototípica envolve uma conceitualização de evento com baixa elaboração, mas uma em que, crucialmente, o sujeito é afetado por si mesmo, constituindo um meio-termo entre construções altamente transitivas e construções intransitivas. Por isso, as construções prototípicas de voz média são aquelas em que aparecem verbos de cuidado corporal, de movimento não-translacional, de mudança de postura, entre outros.¹⁴

Quanto a elas serem ergativas, essa poderia ser uma possibilidade. Como discutido na última seção, as sentenças que estamos analisando têm uma característica em comum com as sentenças ergativas que não se constróem com o clítico *se*: ambas refletem uma conceitualização em que a fonte de energia não está presente. Entretanto, como

¹⁴ A partir dessa definição de voz média prototípica, Kemmer define o *domínio médio*, que abrange outros tipos de construções em que as conceitualizações dos eventos têm baixa elaboração. Dentro desse domínio, encontra-se uma variada gama de construções, como as passivas sintéticas, ou médio-passivas, as sentenças com advérbio facilitador, as sentenças de indeterminação do sujeito, e as sentenças que denotam eventos espontâneos. Sendo assim, pelo que temos visto, as sentenças que são foco deste trabalho devem pertencer ao domínio médio, na medida em que codificam um evento de baixa elaboração. Mas isso não quer dizer que elas são sentenças de voz média.

já visto mais acima, diferentemente das ergativas que formam pares de alternância com sentenças transitivas, suas contrapartes em que o clítico *se* está presente geram uma interpretação reflexiva, que é totalmente inadequada para o contexto relevante.¹⁵

Com certeza, essas construções codificam conceitualizações absolutas. Dentro da construção, a conceitualização de alguma fonte de energia é impossível. De início, vemos que elas não podem ser substituídas pela passiva perifrástica, cuja conceitualização necessariamente inclui uma fonte de energia¹⁶. O dado apresentado em (80) foi enunciado na seguinte situação: uma professora chamou o técnico de computação da universidade para que ele instalasse vários programas em seu computador. O técnico compareceu ao gabinete da professora e fez todas as operações necessárias para que todos os programas fossem instalados. Quando a professora foi usar seu computador, viu que, por razões desconhecidas, o programa que ela mais queria não estava disponível. Ela, então, disse:

88 O técnico foi lá na minha sala, fez tudo direitinho, botou lá todos os programas que eu tinha pedido, mas o programa que eu mais queria não instalou.

Nessa situação seria falso dizer que o programa não tinha sido instalado. Portanto, não seria pragmaticamente feliz a substituição da sentença (80) por uma sentença passiva como a seguinte:

89 #O programa que eu queria não foi instalado.

Em outro caso, a equiparação da sentença (79) a uma passiva perifrástica é totalmente impossível:

90 *Esse trem já foi perdido.

Quando tentamos incluir uma força de energia por meio da inserção do clítico *se* nas construções sob análise, obtemos uma leitura reflexiva, totalmente anômala. Tudo isso nos faz ver que essas construções são verdadeiramente absolutas, no sentido de que apresentam autonomamente o argumento temático sem nenhuma conceitualização de fonte de energia.

¹⁵ Ver os exemplos (18) a (27) acima.

¹⁶ Ver Langacker 1991.

4. A SINTAXE DAS CONSTRUÇÕES ABSOLUTAS

Apesar de semelhantes, todas as construções discutidas neste artigo apresentam semânticas diferentes, como sugerido acima. Essas diferenças semânticas indicam que, por trás das semelhanças sintáticas superficiais que elas exibem, a cada uma delas deve corresponder uma estrutura sintática diversa. Em comum, elas têm o fato de que o argumento temático está em posição pré-verbal, o que lhe dá, portanto, ares de sujeito. Um mapeamento completo das diferentes estruturas sintáticas está fora do escopo deste trabalho. Aqui, no entanto, faremos uma proposta para a estrutura sintática das sentenças absolutas. Para isso usaremos a perspectiva teórica e o aparato formal da Gramática Gerativa.

Muitas propostas têm sido oferecidas para caracterizar a estrutura sentencial do PB. Ênfase especial é dada à posição de sujeito nessa língua (ver, por exemplo, Galves 2001 e os trabalhos em Kato & Negrão 2000). Todas as propostas são unânimes em dizer que o sujeito do PB ocupa uma posição mais alta do que a posição de especificador de IP, que é considerada a posição canônica do sujeito, em um grande número de línguas. De maneira geral, todas essas propostas focalizam um aspecto particular do comportamento dos DPs pré-verbais nessa língua. Entretanto, uma visão mais abrangente da sintaxe e da semântica do PB, especialmente quando contrastadas à sintaxe e semântica do PE, fazem ver que não existe uma única posição de sujeito nessa língua.

Ambar (1998), em um estudo contrastivo com outras línguas românicas, mostra que a estruturação do tempo em PE só pode ser capturada sintaticamente por meio de uma cisão na categoria funcional T¹⁷. A autora propõe que existem duas projeções de T, uma para o sujeito TnsP, outra para o objeto TobjP. Tns é o tempo do enunciado, enquanto Tobj é o tempo do evento. Negrão *et al.* (em preparação), em estudo sobre o comportamento do advérbio *sempre* e sobre o contraste que existe entre as leituras do presente em PE e

¹⁷ Além das abreviaturas IP, que no jargão da Gramática Gerativa corresponde a Sintagma Flexional e DP, correspondente a Sintagma Determinante, já usados anteriormente no corpo do trabalho, nesta seção utilizamos mais as seguintes: T 'núcleo do Sintagma Tempo'; TnsP 'Sintagma Tempo do Sujeito'; TobjP 'Sintagma Tempo do Objeto'; V 'núcleo do Sintagma Verbal'; C 'núcleo do Sintagma Complementizador'; v 'núcleo do Sintagma v pequeno'.

PB, sugerem que esses comportamentos podem ser capturados por diferenças nas relações entre as categorias funcionais C e Tns, de um lado, e Tobj e v de outro. A primeira grande diferença entre as duas variantes do português é que, em PE, V se move para C, passando por Tns Ambar (1988 e 2006). Em PB, isso não acontece: V chega até Tns, no máximo. Desse modo, em PE, mas não em PB, alguns traços de Tns chegam até a categoria C. Em PB, como V não chega até C, quando os traços de Tns são não-valorados, como no presente, são os traços modais e focais de C que entram em sua valoração. Desse modo, por exemplo, sentenças com marcas gramaticais de tempo presente em PB têm sempre uma leitura habitual-genérica. Em PE, diferentemente, o presente pode ter uma leitura de futuro episódico. Quanto à leitura temporal do advérbio *sempre* associada à sua posição pré-verbal em PB, as autoras sugerem que V permanece em Tobj. Em PE, como V vai até Tns, *sempre* temporal aparece em posição pós-verbal.

Como visto na discussão sobre as construções absolutas do PB, não há possibilidade de conceitualização de um argumento agente dentro dessas construções. Argumentos agente são gerados em especificador de vP e, de acordo com os autores que têm estudado o sujeito no PB, movem-se para uma posição acima de Tns. Como as construções absolutas não envolvem agentividade, a categoria v não é projetada. Em consequência, o argumento temático, gerado na posição de complemento de V, não tem como checar Caso acusativo. Dentro da sugestão feita por Ambar (1998), todo V deve se mover para Tobj. É nessa posição que se estabelece o tempo do evento denotado pelo verbo. O argumento temático sobe, então, para a posição de especificador de VobjP para servir de gol em uma relação de *Agree* com Tns. Os traços semânticos de Tns são herdados por Tobj, de modo a dar a V o tempo do enunciado; os traços ϕ não-interpretáveis de Tns e os traços de Caso não-interpretáveis do nome são apagados, o verbo concorda com o DP e seu Caso é valorado como nominativo.

A representação abaixo explicita essa proposta para a sintaxe das construções absolutas do PB.

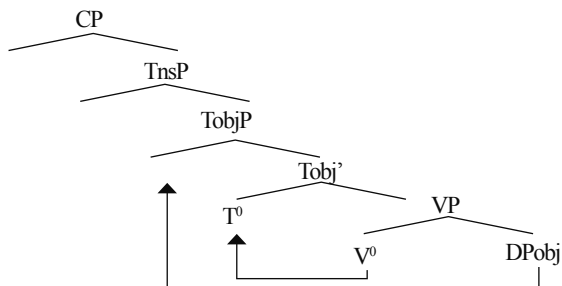


Figura 1: O sujeito nas construções absolutas do PB

Essa estrutura está em consonância com as propriedades semânticas das sentenças foco deste trabalho: ela mostra que um sujeito temático (portanto não-agentivo) ocupa uma posição baixa na hierarquia sentencial, diferentemente de sujeitos com papéis temáticos relacionados a alguma fonte de energia; mostra, ainda, que apesar de esse sujeito ter Caso nominativo e de o verbo concordar com ele, a checagem de Caso e dos traços de concordância é feita de uma maneira diferente da que é feita com outros tipos de sujeito. Desse modo, na superfície, as sentenças que estudamos aqui parecem não apresentar nenhuma diferença em relação a outras construções do português. Entretanto, um estudo mais aprofundado, que leva em consideração aspectos semânticos sutis, evidencia substanciais diferenças entre elas, mostrando-nos mais uma peculiaridade do português brasileiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tradição dos estudos sintáticos sobre o português, passivas perifrásticas, sentenças chamadas passivas sintéticas, construções impessoais, construções médias, e construções ergativas têm sido tratadas como resultantes de processos sintáticos semelhantes. Keyser & Roeper (1984), buscando uma distinção entre construções médias e ergativas, e Raposo & Uriagereka (1996), questionando o estatuto de passiva das chamadas passivas sintéticas, mostram a necessidade de tratamentos que captem as sutis diferenças entre essas várias construções. Os dados do PB discutidos neste artigo apontam para a existência de mais uma construção até então não notada na literatura e corroboram a necessidade de uma discussão mais profunda a respeito das diferenças não aparentes entre essas várias construções. Nosso

trabalho teve como objetivo contribuir para um mapeamento mais abrangente do domínio médio no português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ambar, Manuela. 1998. Inflected infinitives revisited: genericity and single event, *Canadian Journal of Linguistics*, 43: 5-36.
- Ambar, Manuela. 2006. Verb movement and tense –EPP and T-completeness, *Proceedings of the XXXII Incontro di Grammatica Generativa*, Firenze: 1-20.
- Burzio, Luigi. 1981. *Italian syntax*. A government-binding approach, Dordrecht, Kluwer.
- Camacho, Roberto Gomes. 2003. Em defesa da categoria de voz média no português. *Revista DELTA* 19,1: 91-122.
- Galves, Charlotte M. C. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*, Campinas, Editora da UNICAMP.
- Hopper, Paul J. e Sandra A. Thompson. 1980. Transitivity in grammar and discourse, *Language*, 56: 251-299.
- Kato, Mary Aizawa e Esmeralda Vailati Negrão (ed.). 2000. *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, Frankfurt/Madrid, Vervuert/Iberoamericana.
- Kemmer, Suzanne. 1993. *The middle voice*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Keyser, Samuel Jay e Thomas Roeper. 1984. On the middle and ergative constructions in English, *Linguistic Inquiry*, 15: 381-416.
- Langacker, Ronald W. 1991. *Foundations of cognitive grammar*, Volume II, Stanford, Stanford University Press.
- Maldonado, Ricardo. 2006. *A media voz*. Problemas conceptuales del clítico *se*, México, Universidad Nacional Autónoma de México.
- Negrão, Esmeralda Vailati e Evani Viotti. Em preparação. A conceitualização semântica das sentenças construídas com ou sem o clítico *se* em PB.
- Negrão, Esmeralda Vailati; Manuela Ambar e Manuela Gonzaga. Em preparação. A comparative view of European and Brazilian Portuguese Phrase Structure: evidence from quantification and negation.
- Perlmutter, David. 1978. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis, *Berkeley Linguistic Society*, 4: 157-189.
- Raposo, Eduardo e Juan Uriagereka. 1996. Indefinite *se*, *Natural Language and Linguistic Theory*, 14: 749-810.
- Talmy, Leonard. 2001. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge, Mass., MIT Press.